

Entre corpos e memórias: a luta marajoara como saberes da cultura corporal na escola

Lima, Luanna da Silva ¹

Chingore, Tiago Tendai ²

Soares, Marta Genú ³

RESUMO

Este artigo faz uma reflexão crítica sobre a luta marajoara como prática corporal ancestral, técnica cultural e dispositivo de resistência identitária. O estudo trata dos sentidos filosóficos e simbólicos (Geertz, 2008; Hall, 2003) e pedagógicos (Daolio, 2004; Rufino, 2018) da agarrada marajoara, compreendendo-a como manifestação viva do cotidiano insular amazônico que origina a luta marajoara. Como objetivo geral busca analisar a luta marajoara como expressão da tradição da “agarrada marajoara” em relação às lutas e artes marciais no Ocidente, e reflete sobre a prática da agarrada marajoara como potência na Educação Física Escolar e valorização dos saberes locais ou ancestrais imbuídos na prática marajoara. Adota os Estudos Culturais como método de pesquisa e reúne os resultados de uma pesquisa *stricto sensu* para constatar a aplicabilidade do conteúdo como objeto do conhecimento. Assim, a luta marajoara é sistematizada como conteúdo formativo, que expressa a cultura local resultante da ontologia regional com sentido e significado na escola e nas comunidades.

Palavras-chave: estudos culturais; identidade; cultura corporal; luta marajoara.

Between bodies and memories: the marajoara struggle as knowledge of body culture in school

ABSTRACT

This article critically reflects on the Marajoara fighting as an ancestral bodily practice, a cultural technique, and a device of identity resistance. The study

¹ Universidade do Estado do Pará. Professora de Educação Física, formada pela Universidade do Estado do Pará. Email: luannatkdortorres@gmail.com. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/0002606406492326>. Orcid: <https://orcid.org/0009-0008-8354-835X>.

² Universidade Licungo. Professor convidado no Programa de Pós-graduação em Filosofia Profissional da Universidade Federal do Piauí (PROFI-UFPI). Email: ttendaigamachingore@gmail.com. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/0255734111704714>. Orcid: <https://orcid.org/0000-0001-8227-1637>.

³ Universidade do Estado do Pará. Professora Titular da Universidade do Estado do Pará, lotada no Programa de Pós-Graduação em Educação/UEPA. Email: martagenu@uepa.br. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/5299382052741078>. Orcid: <https://orcid.org/0000-0003-1588-7305>.

addresses the philosophical and symbolic meanings (Geertz, 2008; Hall, 2003) and pedagogical aspects (Daolio, 2004; Rufino, 2018) of Marajoara grappling, understanding it as a living manifestation of the Amazonian insular everyday life that gives rise to Marajoara fighting. Its general objective is to analyze Marajoara fighting as an expression of the tradition of 'Marajoara grappling' in relation to fights and martial arts in the West, and to reflect on the practice of Marajoara grappling as a potential force in School Physical Education and the appreciation of local or ancestral knowledge embedded in the Marajoara practice. It adopts Cultural Studies as a research method and gathers the results from a *stricto sensu* research to verify the applicability of the content as an object of knowledge. Thus, Marajoara fighting is systematized as formative content that expresses the local culture resulting from it. the regional ontology with meaning and significance in schools and communities.

Keywords: cultural studies; identity; body culture; marajoara struggle.

Entre cuerpos y memorias: la lucha marajoara como saberes de la cultura corporal en la escuela

RESUMEN

Este artículo hace una reflexión crítica sobre la lucha marajoara como práctica corporal ancestral, técnica cultural y dispositivo de resistencia identitaria. El estudio aborda los sentidos filosóficos y simbólicos (Geertz, 2008; Hall, 2003) y pedagógicos (Daolio, 2004; Rufino, 2018) de la agarrada marajoara, comprendiéndola como manifestación viva de la cotidianidad insular amazónica que origina la lucha marajoara. Como objetivo general busca analizar la lucha marajoara como expresión de la tradición de la “agarrada marajoara” en relación a las luchas y artes marciales en Occidente, y reflexiona sobre la práctica de la agarrada marajoara como potencia en la Educación Física Escolar y la valorización de los saberes locales o ancestrales imbuídos en la práctica marajoara. Adopta los Estudios Culturales como método de investigación y reúne los resultados de una investigación *stricto sensu* para constatar la aplicabilidad del contenido como objeto del conocimiento. Así, la lucha marajoara se sistematiza como contenido formativo, que expresa la cultura local resultante da ontología regional con sentido y significado en la escuela y en las comunidades.

Palabras clave: estudios culturales; identidad; cultura corporal; lucha marajoara.



Interterritórios | Revista de Educação
Universidade Federal de Pernambuco,
Caruaru, BRASIL | V.11 N.20 [2025] e267374
**Dossiê Estudos Culturais em Educação:
proposições, articulações e reverberações**
<https://doi.org/10.51359/2525-7668.2025.267374>

INTRODUÇÃO

A luta marajoara, sistematização técnica e pedagógica da agarrada marajoara, é uma manifestação cultural originária da região do arquipélago do Marajó, no Pará, cuja prática transcende os limites do esporte, configurando-se como um saber tradicional/ancestral profundamente enraizado na vivência cotidiana dos sujeitos locais.

Como expressão de corporeidade, memória e pertencimento, a luta marajoara carrega em si valores como ancestralidade, liberdade e coletividade, conectando-se à identidade dos povos que habitam a ilha e reafirmando-se como tradição viva que resiste ao tempo e à invisibilização. No entanto, apesar de sua riqueza histórica e cultural, essa prática ainda ocupa um espaço marginal nas instituições escolares, sobretudo no currículo da Educação Física, historicamente pautado por referências eurocêntricas e por uma racionalidade tecnicista que desvalorizava os saberes populares.

Diante desse cenário, este estudo tem como objetivo geral analisar a luta marajoara como expressão da tradição da “agarrada marajoara” em relação às lutas e artes marciais no Ocidente. Para tanto, dialogamos com autores como Geertz (2008), Hall (2003), Mauss (2003), Daolio (2004) e Rufino (2018), entre outros, na tentativa de tensionar as lacunas e silenciamentos produzidos pelo currículo escolar frente às expressões corporais não hegemônicas.

Com uma abordagem teórico-analítica, refletimos sobre os sentidos atribuídos à luta marajoara no contexto da Educação Física e suas potencialidades como conteúdo formativo, promotor de cidadania e valorização das identidades locais.

Assim, a luta marajoara é tomada aqui não apenas como objeto de estudo, mas como ponto de partida para discutir as disputas simbólicas que atravessam o campo educacional, especialmente no que diz respeito à construção de um currículo intercultural, sensível às realidades dos sujeitos e comprometido com a superação das desigualdades históricas que ainda persistem na escola brasileira.

Falar de agarrada marajoara é recorrer à herança e ao pertencimento. É pensar que além de uma atividade prática, também se conecta com o processo ancestral e a história e memória de vida, e são essas vivências que emergem da comunidade. Dessa forma, por meio do entretenimento e da compreensão

das mudanças postas ao decorrer do tempo, com uma prática que era tradição e hoje, já se discute e vivencia de forma competitiva e pouco difundida na escola.

A agarrada marajoara, é uma prática corporal tradicional do arquipélago do Marajó, no Pará, que se estrutura como uma luta de projeção, na qual o objetivo central é desequilibrar e derrubar o adversário, fazendo-o tocar o solo com as costas ou os ombros.

Realizada historicamente em contextos festivos, como celebrações comunitárias e rituais de passagem, a agarrada marajoara envolve não apenas a disputa física, mas também dimensões simbólicas e culturais que reafirmam identidade, pertencimento e resistência de povos amazônicos. Suas características principais incluem a ênfase no corpo a corpo, na destreza técnica e no respeito às regras tradicionais transmitidas oralmente, o que a distingue de modelos ocidentais de artes marciais institucionalizadas.

Nesse sentido, a tradição da prática marajoara carrega potências que vão além do gesto técnico: ela representa a valorização de saberes populares, a preservação da memória coletiva e a possibilidade de inserção no campo da Educação Física como prática que articula corporeidade, cultura e educação intercultural.

O conhecimento é ancestral, é tradição, é saber de vida, é cultural. É com a agarrada, com a luta, com a literatura e as magníficas memórias da comunidade que vamos fazer o exercício de percorrer nosso primeiro momento. Antes de nos ater às presas e normas estruturais acadêmicas, precisamos nos colocar frente a realidade marajoara e suas interfaces.

Para compreender e nos aprofundar no âmbito cultural, buscamos mergulhar a partir de Geertz (2008), em seu belo e denso diálogo sobre cultura, onde integra e nos faz olhar para esta pesquisa com maior profundidade, nos fazendo exercer o pensar panorâmico da cultura e filosofia ancorado na história. História essa que pode ser pensada a partir de símbolos (Geertz, 2008), afinal nossas memórias advêm de uma cronologia passada e integra nossa construção cultural e identitária.

Na luta marajoara esse movimento não se dissocia, visto que se fizermos o exercício de fragmentar essa prática corporal, veremos que a mesma não se engessa meramente como uma prática estática, mas corresponde a um conhecimento adquirido e perpassado por gerações, sendo repassada, pensada e vivida dentro de um arcabouço do cotidiano dos naturais

das ilhas. Portanto, a luta marajoara é vinculada a um memorial histórico que reverbera cultura de maneira integral.

Hall (2003) é outro autor base que faz presente a compreensão de sentido identitário e principalmente cultural, pois, quando o autor trata de identidade, faz refletir à pós-modernidade, mas, além disso, identifica que a identidade humana foi massacrada de amarras e engessas pela compilação euro estadunidense que buscavam fixar no “eu” dos indivíduos a falsa soberania e dominação.

Hall (2003) se apropria de uma identidade da qual estamos falando, a identidade que não é estática e nem múltipla, mas é uma essência única do “eu”, e esse “eu” é construído e condicionado a se ampliar e passar por mudanças a partir da realidade em que se vive e das experiências e potencialidades da qual teve a possibilidade de viver e construir memórias.

Igualmente, as memórias estão em consonância com todo nosso contexto de vida e experiências, mas não se resume só ao que foi vivido. As memórias de acordo com Costa e Maciel (2009, p. 62), são “mais do que uma ressignificação de histórias já vividas a partir de uma vivência do presente: ela é inerentemente coletiva, uma vez que trata da construção permanente de um espaço e de um tempo coletivo, a partir de um olhar próprio a determinada cultura”. Logo, diríamos que toda nossa trajetória e travessia que esculpimos ao longo de nossa existência, estão relacionadas a uma tríade: memória, história e cultura.

No sentido identitário cultural, Hall (2003) destaca o sujeito e as fragmentações necessárias para a construção do ser e da sua relação cultural com o mundo, que por vezes foi modulada pela modernidade, onde as representações sociais de algo, estão intrinsecamente relacionadas ao que nos foi “dado”. É aí que os cerne culturais e identitários ocasionam uma construção histórica dos sujeitos, que subalterna e silencia quando não levamos em consideração o “outro” e suas memórias de vida, afetivas e da sua e da minha comunidade.

Ao refletir com Hall (2003), pensamos que seja o momento de dar adeus ao supermercado cultural, onde compramos ou levamos para casa os melhores “produtos”. É hora de resistir e levar para a casa todas as marcas ali expostas e ao chegar em casa, olhar os produtos e compreender que talvez o sabão mais caro, lave e limpe da mesma forma que o mais barato.

Queremos dizer que não há supremacia entre culturas, que o instrumento erudito taxado como belo, tem o mesmo valor do instrumento da

periferia menosprezado e excluído. É hora de dar adeus à demasiada valorização ocidental e estadunidense, e pensar na nossa Amazônia paraense, a qual tem como pertencimento a luta marajoara, por vezes esquecida em detrimento de outras práticas.

Ao afirmar que não existe supremacia entre culturas, assume-se uma postura ética e política de enfrentamento às hierarquias culturais que historicamente sustentaram a colonialidade do saber e a hegemonia de práticas corporais eurocentradas no currículo da Educação Física. Contudo, essa afirmação, por si só, não é suficiente: é preciso agir pedagogicamente para romper com os silêncios curriculares e com as ausências legitimadas pelas instituições escolares.

Portanto, diante da constatação da não hierarquia entre culturas, a omissão curricular se torna uma forma de convivência com a lógica da exclusão. É urgente que a Educação Física Escolar reconheça a potência educativa das práticas corporais silenciadas e abra espaço para que outras corporeidades negras, indígenas, marajoaras, populares, não apenas entrem na escola, mas sejam reconhecidas como produtoras de conhecimento, sensibilidade e cidadania.

Analisar os valores culturais, simbólicos e pedagógicos da luta marajoara como prática corporal tradicional, e refletir sobre suas potencialidades na Educação Física escolar a partir de uma perspectiva crítica e intercultural, foi o objetivo traçado para alcance do estudo, bem como, compreender os sentidos históricos, filosóficos e identitários atribuídos à luta marajoara no contexto da cultura popular marajoara, com base em autores dos estudos culturais e da antropologia do corpo; investigar as possibilidades de inserção da luta marajoara no currículo da Educação Física escolar como estratégia de valorização dos saberes locais e enfrentamento às lógicas curriculares hegemônicas.

O estudo foi ancorado nos pressupostos dos Estudos Culturais, particularmente em sua vertente pós-crítica, que compreende a cultura como um campo de significados em disputa, atravessado por relações de poder, identidades e práticas sociais (Hall, 2003). Nessa perspectiva, a cultura corporal é entendida não como algo dado ou natural, mas como construção simbólica e histórica, permanentemente tensionada por discursos e práticas sociais.

Optamos por uma abordagem qualitativa de caráter analítico-interpretativo, que privilegia a compreensão dos sentidos, das

memórias e das representações associadas à luta marajoara, aqui tomada como uma prática cultural situada, carregada de simbolismos e saberes locais. Esse tipo de abordagem não busca generalizações universais, mas interpretações densas, capazes de captar a complexidade dos significados atribuídos pelos sujeitos e pela comunidade à prática da chamada “agarrada marajoara”.

A análise cultural foi utilizada como ferramenta metodológica central, por possibilitar o exame crítico das lutas corporais no contexto escolar e social. Inspirada na noção de descrição densa de Geertz (2008), a análise buscou interpretar não apenas os gestos e técnicas corporais, mas também os discursos, representações e práticas sociais que constituem a luta marajoara enquanto patrimônio simbólico da região do Marajó. Tal escolha metodológica se justifica pelo objetivo geral da pesquisa: analisar a luta marajoara como expressão da tradição da “agarrada marajoara” em relação às lutas e artes marciais no Ocidente, de modo a evidenciar como uma prática local dialoga, resiste e se diferencia diante de matrizes culturais hegemônicas.

Para a construção interpretativa, estabeleceu-se um diálogo com autores fundamentais para a compreensão das práticas corporais em sua dimensão cultural: Geertz (2008), com a noção de leitura densa; Hall (2003), com a discussão sobre identidade, poder e representação; Mauss (2003), com sua concepção dos técnicos corporais como saberes socialmente aprendidos e transmitidos; Daolio (2004), ao compreender o corpo e a Educação Física como manifestações da cultura; e Rufino (2018), que problematiza a colonialidade e aponta caminhos para uma educação corporal plural, atenta às epistemologias locais.

O estudo, portanto, se constrói a partir de um diálogo metodológico e teórico que combina: a análise de produções bibliográficas sobre lutas, artes marciais e práticas corporais no Brasil; a leitura de documentos curriculares, como a Base Nacional Comum Curricular e orientações pedagógicas, que orientam o tratamento dado às lutas no contexto escolar; e a mobilização de referenciais teóricos que tensionam as abordagens hegemônicas da Educação Física brasileira, ainda fortemente centradas em modelos esportivizados e globalizados.

Esse percurso possibilita propor uma leitura crítica e contextualizada das práticas corporais, na qual a luta marajoara não é reduzida a técnica ou performance esportiva, mas reconhecida em sua dimensão cultural, identitária e pedagógica. Desse modo, a metodologia não apenas interpreta o lugar da luta no currículo e no espaço escolar, mas também evidencia as disputas

simbólicas e as possibilidades de resistência que atravessam o campo da Educação Física quando saberes locais são confrontados com tradições ocidentais de lutas e artes marciais.

A cultura das lutas e os silêncios do currículo escolar

Aproximamo-nos das discussões identitárias de Hall (2003) e cultural de Geertz (2008), afinal como tratar da genealogia das lutas e não falar da identidade, justo ela que construímos ao decorrer da vida e que enlaça todo e qualquer conhecimento, dessa forma as lutas também possuem seu teor identitário e cultural. Hall (2003) e Geertz (2008) aproximam-se quando tratam do dinamismo, sobre o qual Geertz diz, a partir da sua antropologia interpretativa, que a cultura não é estática, mas está em constante movimento e é compreendida a partir dos atores sociais que permeiam e vivem o fenômeno.

Hall (2003) acreditava que o dinamismo também era presente no sentido identitário, haja vista que o autor definia três tipos de sujeitos: o sujeito do iluminismo, o sujeito sociológico e o sujeito pós-moderno. Vamos no ater primariamente no sujeito pós-moderno, o qual o meio e as interações sociais influenciam na construção e mudanças na identidade.

É válido que ambos os autores compreendem os grandes impactos que a hegemonia trouxe e ainda traz para as classes subalternizadas. Geertz (2008) salienta que a ideia de primeiro mundo foi friamente calculada a partir de um contexto ocidental excludente, que junto com a modernidade que Hall (2003) discute e nos faz refletir que os atores sociais estão tendo sua identidade corrompida por um modelo que imprime um cartaz de perfeição e soberania.

Antes de entrarmos no ambiente gênico das lutas, juntamo-nos ainda à Geertz (2008), fazendo o exercício de interpretar afincamente sua macroestrutura de discussão e seus ricos ensaios, haja vista que a cultura foi e continua sendo talvez, um campo operacionalizado como um conjunto de coisas dissociadas. Refletindo sobre isso, quem nunca ouviu a expressão ao apreciar um quadro ou uma música: “isso é cultura”.

Mas, afinal, o que é cultura? Fazendo-me valer do poder da escrita e aparição autoral, diria que na cultura não há pseudônimos, não há como fugir de expressar o que vem das entranhas, não há como fugir do que nos foi

herdado, ou o que nos faça enfrentar a comida que não nos foi apresentada na infância.

Quero dizer que não tem como desvincular o nosso cotidiano e nossa identidade, que nos foi construído ao decorrer do nosso desenvolvimento humano e psíquico, portanto quero dizer que não há como não vincular ou desassociar a nossa construção humana com a cultura, pois as duas estão em constante sincronia e diria até mais, e não menos importante, que o rigor ao discutir cultura também engendra o minucioso processo de não a esvaziar à “determinada coisa”, bem como diz metaforicamente Geertz:

A cultura é pública porque o significado o é. Você não pode piscar (ou caricaturar a piscadela) sem saber o que é considerado uma piscadela ou como contrair, fisicamente, suas pálpebras, e você não pode fazer uma incursão aos carneiros (ou imitá-la) sem saber o que é roubar um carneiro e como fazê-lo na prática. Mas tirar de tais verdades a conclusão de que saber como piscar é piscar e saber como roubar um carneiro é fazer uma incursão aos carneiros é revelar uma confusão tão grande como, assumindo as descrições superficiais por densas, identificar as piscadelas com contrações de pálpebras ou incursão aos carneiros com a caça aos animais lanígeros fora dos pastos. A falácia cognitivista — de que a cultura consiste (para citar um outro porta-voz do movimento, Stephen Tyler) “em fenômenos mentais que podem (ele quer dizer “poderiam”) ser analisados através de métodos formais similares aos da matemática e da lógica” — é tão destrutiva do uso efetivo do conceito como o são as falácias “behaviorista” e “idealista”, para as quais ele é uma correção mal concluída (2008, p. 28).

Ao sintetizar a passagem do autor, retomamos o diálogo de compreender o campo cultural e todas as suas nuances antes de tomar para si uma realidade ou tomar como absoluto e estático um determinado conhecimento, nesse caso, generalizar e totalizar a cultura como algo apático, singular ou limitado (Geertz, 2008).

Pensando assim, é frequente e comum que todos os seres, de natureza, animal ou espiritual, tenham uma determinada trajetória histórica, umas talvez publicadas e bastantes conhecidas, algumas vividas no silêncio de um povo que não se vê e muitas vezes não é conveniente ter suas histórias contadas ou divulgadas e outras histórias estão sendo esvaídas com suas gerações.

Com isso, chamamos atenção para tantas histórias e saberes que partem de uma vida, de um território, de um corpo. Um exemplo disso que merece muita atenção e precisa ser discutido aqui na nossa subseção são as lutas.

Mas, antes é necessário compreender de quais lutas estamos falando e de onde parte esse nome. O termo luta de maneira genérica já é polissêmico e pode gerar confusões no sentido de qual luta estamos nos referindo. Porém, vale lembrar que a luta que estamos aqui nos apropriando são as lutas corporais.

Além disso, recentemente tenho me problematizado no seguinte sentido: será que toda luta é considerada arte marcial? Ambas as palavras são popularmente conhecidas, mas será que são compreendidas? Imoto (2008) afirma que as lutas corporais iniciam pelas práticas de sobrevivência, busca por territórios e pelo aprimoramento da força para tarefas do cotidiano e de subsistência como a pesca, nesse sentido, o autor sinaliza que as lutas iniciam na história com os povos originários.

Com o decorrer dos anos, essas práticas foram passando por um processo de resignificação, como todo conhecimento que é mundialmente estudado e aprimorado. Entretanto, por que até hoje o discurso da relação dessas práticas é tido como ato violento? Para Moura *et al.*

As lutas fazem parte de um produto que vem sendo veiculado pela mídia e que faz parte do cotidiano do esporte moderno e, por ser amplamente consumido, são construídas inúmeras representações. A ideia de violência é uma delas. É preciso que a escola, na sua função pedagógica, problematize de forma crítica tais representações (2019, p. 7).

Apesar de a escola ter seu papel marcador na educação de crianças, jovens e adultos e ser um local politicamente ativo e formador, sabemos que o tema lutas é insuficiente nesse espaço por diversos outros fatores, como a defasagem na formação inicial de professores, por reflexões e representações que contribuem para que sua presença seja amplamente desconhecida e restritiva a uma prática acrítica.

Rufino (2018) diz que as lutas possuem significados referentes ao combate entre dois indivíduos, mas que vai, além disso, as lutas estão diretamente associadas a classe social, a economia e política.

Com isso, percebemos que há um consenso entre os diversos significados de que a luta trata de um combate por algo, seja pela vida ou por outro objetivo, mas que existem muitos outros desdobramentos por trás dela. Também se ouve que lutas é arte marcial, e questionamos, quando esse combate passa a ser chamado de arte marcial, se o cenário muda, ou, se talvez tenhamos entrado em crise etimológica. Então, fomos buscar também o significado da palavra arte marcial e visualizamos o seguinte panorama: não há significado para tais palavras em sentido conjunto, somente separadas.

Arte: aptidão inata para aplicar conhecimentos, usando talento ou habilidade, na demonstração uma ideia, um pensamento;
Marcial: que tem ar guerreiro: aspecto marcial. De teor belicoso; relacionado com guerras, guerreiros (Ribeiro, 2024, p. 1).

O queremos com todos estes significados é chamar atenção para a influência militarista, oriental e midiática dentro das lutas, o que contribuiu fortemente para um esvaziamento e redimensionamento dessa prática como um conhecimento, conforme argumenta em linhas supracitadas.

Afinal, dentro de todo este processo histórico não se falava sobre os saberes entrepostos no estilo de vida das pessoas que estavam presentes na gênese desta prática. Assim, quando chamamos atenção para o processo midiático, estamos nos referindo a indústria cultural moderna, que contribuiu para a construção de uma ideia rasa do que são as artes marciais, confundindo muitas vezes com práticas do extremo oriente e não considerando o processo histórico dessa prática (Pimenta; Marchi Júnior, 2007).

Dessa forma, precisamos posicionar o conceito de luta que queremos e militamos para defender:

As lutas, as artes marciais e as modalidades esportivas de combate (L/AM/MEC) implicam um universo amplo de manifestações antropológicas de natureza multidimensional e complexa. Como um conjunto de práticas socioculturais proveniente de um espectro diversificado de demandas históricas específicas, é possível identificar uma pluralidade muito patente nas suas diferentes configurações sociais, formas de expressão, repertório técnico, linguagens, organização e institucionalização. Nesta perspectiva, as lutas e as artes marciais podem ser vistas como construções identificadas e inerentes ao patrimônio cultural de diversos povos e, sobretudo, como um fenômeno relevante inserido na dinâmica da sociedade contemporânea e no processo da globalização (Correia; Franchini, 2010, p. 2).

A partir desse conceito, saltamos para um processo forte de confronto com o oriente e todo seu arcabouço de capital, militar e higienista, que limitavam e lincavam toda e qualquer prática corporal ao biológico. Entretanto, ainda há diversos muros para superar o negacionismo de associação das lutas como uma prática da comunidade, como um saber local, sobretudo como uma prática de diálogo cultural com a educação e a sociedade.

Entre esses muros, e ainda em contexto das lutas como prática corporal, foi visualizar alguns estudos sobre a produção acadêmica no cenário em questão e segundo dados obtidos em artigo publicado em periódico, que tinha como objetivo analisar a produção acadêmica em lutas, artes marciais e esportes de combate nas principais revistas acadêmicas de circulação nacional da área de Educação Física. “Dos 2561 artigos publicados nesses periódicos, apenas 75 (2,93%) tratavam de Lutas/Artes Marciais/Modalidades Esportivas de Combate” (Correia; Franchini, 2010, p. 1).

A escola esvazia mesmo com seu objetivo formador, por vezes esvazia temas da cultura corporal de seus aspectos culturais, históricos e políticos revela uma das contradições centrais da educação escolarizada em sociedades marcadas pela colonialidade do saber e pela lógica da homogeneização curricular.

No campo da Educação Física, esse esvaziamento torna-se ainda mais explícito, pois o corpo em sua dimensão cultural e expressiva, é frequentemente reduzido a um objeto técnico, mensurável, disciplinado e desprovido de historicidade.

Assim, podemos constatar mais uma vez a depreciação e culminância para a gênese das lutas serem reduzidas a um processo primitivo e instintivo, onde seus valores ainda hoje são fielmente associados ao militarismo e à atos violentos. Neste viés, podemos concluir que as lutas ainda estão em um cerne de discussão como um produto manufaturado, como bem sinaliza Geertz (2008), pois diversas ideias acopladas as lutas são como “alguém” ou como um sistema a delimitou, assim sendo voltada ao militarismo e à técnica, portanto tem sido friamente esvaziada de seus significados históricos e culturais, por isso defendemos o conceito, cuidado e rigor de Geertz ao falar de cultura, pois,

O conceito de cultura que eu defendo [...] é essencialmente semiótico. Acreditando, como Max Weber, que o homem é um animal amarrado a teias de significados que ele mesmo teceu, assumo a cultura como sendo essas teias e a sua análise; portanto, não como uma ciência experimental em busca de leis,

mas como uma ciência interpretativa, à procura do significado. É justamente uma explicação que eu procuro, ao construir expressões sociais enigmáticas na sua superfície (Geertz, 2008, p. 4).

É preciso desmistificar a generalidade e compreender os sujeitos, os objetos ou nosso campo de estudo com muita concretude, respeitando a variáveis simbólicas da realidade investigada, onde aqui tem se enquadrado como foco as lutas.

Na última forma de globalização, São ainda as imagens os artefatos e as identidades da modernidade ocidental, produzidos indústrias culturais das sociedades ocidentais (incluindo Japão) que denominam as redes globais. A proliferação das escolhas de identidade é a mais ampla no centro do sistema global que nas suas periferias. Os padrões de troca cultural desigual, familiar desde as primeiras fases de globalização, continuam a existir na modernidade tardia. Se quisermos provar as cozinhas exóticas de outras culturas em um único lugar, devemos ir comer em Manhattan, Paris ou Londres e não em Calcutá ou em Nova Delhi (Hall, 2003, p. 79).

Diante disso, percebemos a necessidade em discorrer na seção seguinte sobre as Lutas: Cultura Corporal ou Rendimento Técnico. Afinal, a globalização culminou para que a sobreposição de algumas lutas reverberasse até hoje e práticas corporais que emergiram da cultura popular, da resistência, do modo de vida foram intimamente trocadas com o globo. A indústria cultural insiste em imprimir um molde e nos posicionar na sociedade em um lugar de fácil controle e manobra. Lipovetsky e Charles (2004) quando tratam da modernidade, denunciam que quanto maior a individualidade e a marginalização com as tradições, mais estaremos contribuindo para que a dominação e tempos de sobreposições retornem e nos silenciem.

Lutas: cultura corporal ou rendimento técnico?

Como falamos anteriormente, quando tratamos de cultura nos subsidiamos em Geertz (2008), mas para além da nuance dele, também nos aliamos a Daolio (2004) no sentido de discutir a cultura dentro dos parâmetros e panorama da educação física, já que apesar da interdisciplinaridade do nosso estudo, precisamos resgatar como as lutas estão postas no currículo, como um tema a ser estudado no campo da educação física, para então compreendê-la

como um conhecimento que merece reconhecimento na educação de forma integralizada em sentido multidisciplinar.

A educação física no transcorrer de suas mudanças teve um marco que chancelou sua imagem por décadas: o caráter da aptidão física. Como bem diz Maldonado e Bacchini (2013), a educação física entra no currículo escolar, no século XIX e diante de sua fundamentação teórica, teve por muito tempo uma educação vinculada para e pelo movimento. Mas, com a criação dos Parâmetros Curriculares Nacionais da Educação Física, houve um avanço no que diz respeito a exclusividade dos fundamentos e da técnica exacerbada.

Além disso, é recorrente no campo da educação física ouvirmos a palavra “cultura”, mas Daolio (2004) já evidenciava que normalmente esta palavra era aliada da cultura corporal, cultura física, cultura do movimento. Tudo isso advém de um processo corriqueiro ligado à ciência biológica, e somente após a década de 80, a cultura passa a ser pensada a partir de um valor sociocultural.

Nesse sentido, o conceito de cultura sofreu um “boom”, com a influência de outras áreas do conhecimento, como a sociologia, filosofia e antropologia. Por outro lado, quando tratamos de saber técnico, estamos nos referindo ao saber esportivizado que compreende essa potencialidade apenas como um movimento prático e físico, exatamente como era em tempos tecnicista, enquanto a técnica na sua essência é um saber que transcende movimento e história.

A partir disso, Daolio (2004) compartilha conosco que não deve haver rompimento entre a cultura e a educação física, muito menos um rompimento com a técnica, tendo em vista que o professor/a não se restringe ao trabalho com o esporte e nem com a fisiologia, mas trabalha antes de tudo ou deveria trabalhar, com o humano, e neste ser, inegavelmente existem manifestações culturais, corporais e sociais.

Daolio (2004) propõe uma compreensão do corpo como construído simbolicamente e influenciado pelo contexto sociocultural, defendendo a valorização das diferenças culturais em vez de padrões biológicos e preconceituosos. Ele sugere substituir visões inatistas por abordagens mais dinâmicas e culturais na Educação Física.

Não negamos a importância da técnica para um ensino orientado das práticas corporais, mas enfatizamos que, antes disso, é preciso reconhecer o corpo como expressão de cultura, história e saberes. A negação do movimento tem enfraquecido sua dimensão expressiva, tornando urgente superar a

objetificação dos gestos e rever concepções engessadas sobre as lutas, ampliando sua compreensão para além de um corpo técnico e normatizado.

Mauss (2003), enfatiza que as primeiras técnicas aprendidas pelo ser humano são corporais e fazem parte das ações diárias, como escovar os dentes ou caminhar, mostrando que o corpo é o instrumento fundamental da experiência e do saber humano.

Mauss (2003) destaca que as técnicas do corpo são influenciadas pelo contexto social, afetivo e cultural dos indivíduos, incluindo os saberes locais e práticas cotidianas. Por exemplo, enquanto deitar-se em uma cama não é comum em todos os lugares, na Amazônia paraense é habitual usar redes após as refeições. Assim, a técnica está ligada aos saberes sociais, e as lutas fazem parte dessa técnica corporal que reflete um corpo socialmente construído, não apenas um executor de movimentos.

A partir de tal conjuntura cultural e retomando as lutas como uma prática libertadora e imbricada de conhecimentos, é inegável que as escolas ao enfatizar as lutas enquanto práticas culturais contra um modelo de educação que apenas reproduz as técnicas ou lutas “conhecidas”, estarão estimulando a educação intercultural a qual defendemos neste estudo, cuja repudia o movimento colonialista e opressor.

Dessa forma, convergimos e pensamos uma educação em contexto geral, que precisa ser pensada sem qualquer distinção, capaz de enxergar o “outro” sem engessamentos construídos ao longo da história, onde o subalterno é estranhado pelos seus conhecimentos e costumes taxados como exóticos. Neira (2016) se refere a todo esse processo cruel de subalternização como um movimento de interesse, em que as nações detentoras e acumuladores de capital e poder narram e desenham os empobrecidos como “diferente”.

No tocante a escola, ainda hoje, percebemos nos materiais didáticos representações sociais construídas a partir de conceitos e ilustrações extremamente coloniais, percebemos em alguns livros uma história que se contrapõe aos povos originários, que se averte à cultura indígena. No campo da educação física, as práticas pedagógicas e o próprio sistema escolar ainda têm como mote as práticas oriundas de uma cultura extremamente convergente à Europa, que enaltece determinadas práticas e tenta extinguir outras.

Não deixa de ser interessante uma análise pós-colonialista das propostas convencionais de Educação Física. É notório o

privilégio das manifestações culturais de origem euro-estadunidense, brancas, do hemisfério norte e com fortes raízes cristãs e masculinas, em detrimento de outras mais próximas dos referenciais culturais do povo brasileiro (Neira; Nunes, 2009 *apud* Neira, 2016, p. 5).

Tendo em vista o exposto, apesar de todo este pensar promotor de enaltecimento estadunidense e europeu, o tema lutas perpassou e ainda perpassa por grandes resistências para que seu ensino seja reconhecido e valorizado na escola, seja pela insuficiência curricular na formação inicial, como bem sinalizam os autores:

Consideram que a dificuldade em tratar os conteúdos das lutas na escola deve-se, em grande parte, à formação do profissional de Educação Física que, em muitos casos, frequenta uma graduação deficiente em relação a esses conteúdos, restringindo-se à apenas uma modalidade (como o judô ou a capoeira, por exemplo), ou as vezes sequer havendo a presença desses conteúdos no ensino superior (Del’Vecchio; Franchini, 2006 *Apud* Rufino; Darido, 2015, p. 2).

Dessa forma, para superar a herança colonialista e eurocentrista, precisamos inicialmente reconhecer as lutas e diversas práticas corporais como um conhecimento formador. Haja vista que “estes conteúdos são assegurados por uma série de propostas e autores que as destacam como sendo parte integrante do que se denomina de cultura corporal” (Rufino; Darido, 2015, p. 2).

Mas, Gomes *et al.* (2013) salientam que compreender o processo histórico de construção das lutas é essencial, especialmente quando essas práticas são reconhecidas como parte integrante da cultura corporal de movimento. Essa compreensão possibilita a elaboração de um panorama que favorece a atuação pedagógica na Educação Física escolar, contribuindo para a formulação de propostas que visem à inserção das lutas no ambiente escolar.

Então, queremos chamar atenção para a importância deste tema para os alunos e alunas, no sentido de oportunizar uma vivência que além de constar em grandes documentos que norteiam o planejamento de ensino na educação básica como a Base Nacional Comum Curricular (Brasil, 2018), é uma vivência promotora de cultura e manifestações de saberes para além do esporte e da técnica. Sendo assim,

A escola definitivamente não será o local de formação do “lutador” de específica modalidade de luta, e sim do cidadão que poderá: experimentar, usufruir da experiência singular de

se opor em situação de combate corporal, contemplar e formar opinião em relação a estas atividades e a respeito de suas trajetórias históricas, a forma como se apresentaram no passado e se apresentam na atualidade nos diversos segmentos sociais juntamente com os significados que foram e lhe são atribuídos (Nascimento, 2008, p. 47).

Mas como dito anteriormente, percebemos lacunas e desafios imbricados principalmente no tema lutas, então é interessante que nós possamos compreender tais desafios para tentar refletir caminhos para enfrentá-los. Rufino (2018) realça que as lutas estão presentes em contexto histórico e social, mas para chegarem com maior rigor e alcance no ambiente escolar é necessário ir além dos desafios supracitados, pois,

É necessário transformar as lutas existentes no cotidiano das sociedades de forma a torná-las assuntos de nossas aulas de Educação Física, incluindo todos, valorizando as diferenças, apresentando possibilidades concretas para que todos as conheçam, usufruam das dinâmicas corporais e as transformem de acordo com as intenções de cada um e, sobretudo, para que todos tenham acesso a esse importante patrimônio da cultura corporal (Rufino, 2018, p. 49).

Sendo assim, é inegável que as lutas perpassam um caminhar engendrado de valores, enraizados de saberes, todavia em contexto pedagógico é importante a distinção entre a luta na escola e a luta da escola. De acordo um dos nossos teóricos de base para discutir esta seção, a luta na escola consiste em “trazer para esse ambiente a mesma lógica das lutas e artes marciais existentes na sociedade, mantendo as estruturas e representações que não estão adequadas ao contexto escolar, sem transformar efetivamente essas práticas” (Rufino, 2018, p. 50).

Por outro lado, o autor reforça que a luta da escola, “por sua vez, representa o processo de transformação das lutas em formas adaptadas, pedagógicas e, por isso, muito mais coerentes com o contexto escolar” (Rufino, 2018, p. 50).

Porém, é necessário ir além do que o autor Rufino (2018) aponta, tendo em vista que reduzir a ausência do ensino de lutas à falta de vivência prática na graduação, é diagnosticar um sintoma sem examinar suas raízes. O problema não seria a ausência da técnica em si, mas o projeto epistemológico e político que estrutura a formação docente, onde a técnica é tratada como fim e não como meio para uma formação crítica e culturalmente situada.

A formação em Educação Física no Brasil, ainda fortemente ancorada em paradigmas funcionalistas e tecnicistas desconecta as práticas corporais dos seus contextos históricos, políticos e culturais. Isso significa que as lutas, assim como outras expressões corporais populares (danças afro-brasileiras, capoeira, jogos tradicionais, entre outras), são abordadas, quando o são, de forma fragmentada, instrumental e despolitizada.

Como destacam Nogueira, Maldonado e Freire (2023), esse esvaziamento é sintomático de uma formação que não parte do diálogo com os sujeitos e seus territórios, mas sim de uma lógica acadêmica voltada à reprodução de saberes hegemônicos, e distantes da realidade escolar e popular.

Portanto, compreendemos que o mundo das lutas possui uma grande ontologia, seja diante suas influências estadunidenses e europeias, seja diante sua mínima repercussão nas escolas e o preconceito entreposto na relação dessa prática, como um conhecimento acrítico e precursor de violência. Mas, diante os pontos elencados ao decorrer do estudo, visualizamos que as lutas merecem mais protagonismo e presença nas escolas brasileiras.

A luta marajoara e os saberes corporais silenciados no currículo escolar

Ao longo das discussões anteriores, percebemos que a escola frequentemente esvazia as lutas de sua dimensão cultural e histórica, reduzindo-as a práticas técnicas, esportivizadas ou orientadas pelo rendimento. Esse processo de invisibilização se torna ainda mais evidente quando analisamos práticas locais, como a luta marajoara, que, apesar de carregar memórias ancestrais e resistências de povos amazônicos, segue marginalizada no currículo escolar em detrimento de modalidades legitimadas pelo Ocidente, como o judô ou o karatê.

A luta marajoara, também chamada de “agarrada”, constitui-se como uma prática corporal tradicional da Ilha do Marajó, marcada pela transmissão oral e pela vivência comunitária. Diferente das artes marciais ocidentalizadas/orientais, que frequentemente são institucionalizadas por federações, academias e rituais midiáticos, a luta marajoara emerge do cotidiano, da vida ribeirinha e dos contextos festivos da Amazônia. Como destaca Lisboa Filho (2014), essas práticas carregam significados sociais e

identitários que extrapolam o gesto técnico, funcionando como “arquivos vivos de memória corporal”.

Nesse sentido, ao dialogarmos com Geertz (2008), compreendemos que a luta marajoara é mais do que um combate físico: ela é uma teia de significados, tecida pelos corpos que a praticam, constituindo-se em um saber cultural denso, que só pode ser interpretado a partir de seu contexto. Stuart Hall (2003), ao falar da identidade como processo dinâmico e em constante transformação, nos permite enxergar na luta marajoara um espaço de resistência identitária, onde a comunidade reafirma seus modos de ser e estar no mundo frente às pressões homogeneizadoras da modernidade.

Assim, quando a escola privilegia apenas modalidades legitimadas globalmente, promove um processo de apagamento epistemológico — aquilo que Neira (2016) denomina de subalternização do saber. Ou seja, os corpos amazônicos e suas práticas, como a luta marajoara, tornam-se invisíveis, enquanto os currículos reproduzem conteúdos eurocêntricos. Essa contradição reforça o alerta de Daolio (2004), de que a Educação Física não pode se limitar a técnicas padronizadas, mas deve compreender o corpo em sua expressão simbólica e cultural.

A luta marajoara guarda ainda um caráter pedagógico singular. Ao contrário da visão tecnicista, que enxerga a luta como execução de movimentos padronizados, essa prática se fundamenta em saberes comunitários, na improvisação, no respeito aos pares e na celebração coletiva. Mauss (2003), ao tratar das “técnicas corporais”, nos mostra que gestos cotidianos carregam historicidade e variam conforme o contexto social.

Nesse viés, os movimentos da luta marajoara não são meros atos biomecânicos, mas expressões de um corpo socialmente construído, que transmite valores de pertencimento e memória.

Dessa forma, sua inserção pedagógica poderia inspirar práticas que valorizem a cultura local e ampliem a concepção de Educação Física escolar. Por exemplo, ao trabalhar a luta marajoara em sala de aula, o professor pode propor: Vivências corporais adaptadas, respeitando a segurança, mas mantendo elementos simbólicos da “agarrada”, como o contato, as pegadas e os desequilíbrios; Rodas de conversa sobre o significado da prática para a comunidade marajoara, destacando sua história e vínculos com festas populares e modos de vida ribeirinhos; Produções interdisciplinares que relacionem a luta marajoara com as disciplinas de história, geografia e artes, possibilitando compreender como saberes locais se entrelaçam com o

cotidiano amazônico; Discussões críticas sobre como as práticas corporais da região foram marginalizadas e por que ainda permanecem invisíveis nos livros didáticos.

Nessa perspectiva, reafirmamos que a luta marajoara é um saber da cultura corporal, uma prática que articula corpo e memória, e que pode contribuir para a construção de uma Educação Física intercultural, crítica e comprometida com a valorização da diversidade. Como afirma Rufino (2018), transformar as lutas em temas escolares significa torná-las acessíveis a todos, reconhecendo suas raízes históricas e culturais.

Portanto, defender a presença da luta marajoara na escola é também defender uma pedagogia que resista ao apagamento, que valorize os saberes locais e que possibilite ao aluno reconhecer-se em sua própria cultura. Como conclui Geertz (2008), a tarefa da ciência interpretativa não é buscar leis universais, mas compreender significados e, nesse caso, compreender a luta marajoara é compreender também a Amazônia e suas formas de existir no mundo.

Com o intuito de evidenciar a materialidade da prática em seu território de origem, apresento abaixo duas imagens de minha autoria, registradas no município de Salvaterra, na Ilha do Marajó. Esses registros não se limitam à função ilustrativa, mas constituem-se como parte do esforço crítico de valorizar e tornar visíveis práticas corporais historicamente marginalizadas, como a luta marajoara, que apesar de sua relevância cultural, permanece silenciada nos currículos escolares em detrimento de lutas legitimadas pelo olhar ocidental, como o judô ou o karatê.

Imagem 1: Meninas naturais da ilha do marajó praticando a luta marajoara



Fonte: acervo pessoal, 01 de junho de 2024.

Imagem 2: Meninos naturais da ilha do marajó praticando a luta marajoara



Fonte: acervo pessoal, 01 de junho de 2024.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este estudo evidenciou a profunda relação entre as lutas corporais, em especial a Agarrada Marajoara, e os processos culturais e identitários que permeiam as práticas corporais locais. Compreendemos que as lutas não são apenas manifestações técnicas ou esportivas, mas sim expressões dinâmicas e vivas da cultura, construídas historicamente e em constante transformação social.

A análise cultural permitiu desconstruir estereótipos e concepções hegemônicas que reduzem as lutas a meras práticas violentas ou militaristas, revelando seu potencial como saberes tradicionais que dialogam com a educação e a resistência cultural das comunidades. Destacou-se a necessidade de valorizar essas práticas no espaço escolar, ampliando a formação docente e promovendo uma Educação Física crítica e culturalmente situada.

Por fim, defende-se que reconhecer e inserir as lutas como parte integrante do patrimônio cultural e do currículo escolar representa um caminho essencial para combater a marginalização desses saberes e fortalecer a identidade cultural das populações de diferentes origens e locais.

REFERÊNCIAS

Brasil. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília, 2018.

Costa, Márcio; Maciel, Débora. **Corpo, memória e cultura: educação e produção de identidades**. Belo Horizonte: Autêntica, 2009.

Correia, Walter Roberto; Franchini, Emerson. Produção acadêmica em lutas, artes marciais e esportes de combate. **Motriz** - Revista de Educação Física, v. 16, n. 1, 2010. Disponível em: <https://doi.org/10.5016/1980-6574.2010v16n1p01>. Acesso em: 14 out. 2024.

Daolio, Jocimar. **Educação Física e o conceito de cultura**. Campinas: Autores Associados, 2004.

Geertz, Clifford. **A interpretação das culturas**. Rio de Janeiro: LTC, 2008.

Gomes, Natália *et al.* O conteúdo das lutas nas séries iniciais do ensino fundamental: possibilidades para a prática pedagógica da Educação Física escolar. **Motrivivência**, n. 41, p. 305-320, 2013. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/motrivivencia/article/view/2175-8042.2013v25n41p305>. Acesso em 19 out. 2024.

Hall, Stuart. **A identidade cultural da pós-modernidade**. 10. ed. Rio de Janeiro: DPEA, 2003.

Imoto, Luciano. **Aikidô: a metafísica do combate**. São Paulo: Ícone, 2008.

Lipovetsky, Gilles; Charles, Sébastien. **Os tempos hipermodernos**. Tradução: Mário Vilela. São Paulo: Barcarolla, 2004.

Mauss, Marcel. As técnicas do corpo. *In*: MAUSS, Marcel. **Sociologia e antropologia**. São Paulo: Cosac Naify, 2003. p. 401-407.

Maldonado, Daniel Teixeira; Bacchini, Daniel. Educação Física Escolar e as três dimensões dos conteúdos: tematizando as lutas na escola pública. **Revista da Faculdade de Educação Física da UNICAMP**, Campinas, v. 11, n. 4, p. 195-211, out./dez. 2013. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/conexoes/article/view/2174>. Acesso em: 02 jan. 2025.

Nogueira, Valdilene Aline; Maldonado, Daniel Teixeira; Freire, Elisabete dos Santos. A construção coletiva de princípios epistemológicos, políticos e pedagógicos da Educação Física Escolar libertadora. **Revista de Educação Popular**, Uberlândia, ed. esp. "Educação Popular no Brasil e na América Latina: história, epistemologias, práxis e experiências", p. 296-319, 2023. Disponível em: <https://doi.org/10.14393/REP-2023-69138>. Acesso em: 24 jun. 2025.

Moura, Diego Luz *et al.* O ensino de lutas na educação física escolar: uma revisão sistemática da literatura. **Pensar a Prática**, Goiânia, v. 22, n. 1, p. 1-11, 2019. Disponível em: <https://revistas.ufg.br/fef/article/view/51677>. Acesso em: 18 jun. 2025.

Nascimento, Paulo Rogério Barbosa. Organização e Trato Pedagógico do Conteúdo de Lutas na Educação Física Escolar. **Motrivivência**, v.1, n. 31, p. 36-49, dez. 2008. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/motrivivencia/article/view/2175-8042.2008n31p36>. Acesso em: 20 set. 2024.

Neira, Marcos Garcia. Educação Física Cultural: carta de navegação. **Arquivos em movimento**, v. 12, n. 2, p. 82-103, 2016. Disponível em: <https://revistas.ufrj.br/index.php/am/article/view/11149>. Acesso em: 18 mar. 2024.

Pimenta, Thiago Farias da Fonseca; Marchi Júnior, Wanderley. Processo civilizador e as artes marciais coreanas: possíveis aproximações. *In*: **Simpósio internacional**

processo civilizador, 10., 2007, São Paulo/Campinas. Anais do X Simpósio Internacional Processo Civilizador, Campinas: SIPC, 2007. Disponível em: https://www.uel.br/grupo-estudo/processoscivilizadores/portugues/sites/anais/anais10/Artigos_PDF/Thiago_Farias_da_Fonseca_Pimenta.pdf. Acesso em: 16 jan. 2024

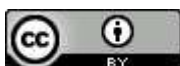
Ribeiro, Débora. Arte marcial. *In: Dicionário Online de Português* (Dicio). Porto: 7 Graus, 2024. Disponível em: <https://www.dicio.com.br/pesquisa.php?q=arte+marcial>. Acesso em: 23 jan. 2024.

Ribeiro, Débora. Lutas. *In: Dicionário Online de Português* (DICIO). Porto: 7 Graus, 2024. Disponível em: <https://www.dicio.com.br/luta/>. Acesso em: 23 jan. 2024.

Rufino, Luiz Gustavo Bonatto. **Metodologia do ensino de lutas na escola**. Londrina: Educacional S.A, 2018.

Rufino, Luiz Gustavo Bonatto; Darido, Suraya Cristina. O ensino das lutas nas aulas de Educação Física: análise da prática pedagógica à luz de especialistas. **Revista de Educação Física/UEM**, Maringá, v. 26, n. 4, p. 505–518, out./dez. 2015. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/refuem/a/MV3Fhn3tQ7kGRB7QYzN6yWz/?format=pdf>. Acesso em: 14 jul. 2023.

Submissão em 04 de agosto de 2025.
Aceite em 25 de setembro de 2025.



Direitos autorais das pessoas autoras, 2025. Licenciado sob Licença Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional (CC BY 4.0). Esta licença permite que outros distribuam, remixem, adaptem e criem a partir do seu trabalho, mesmo para fins comerciais, desde que lhe atribuam o devido crédito pela criação original. Texto da Licença: <https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/>